

## Editorial

*Thaís Fernanda Salves de Brito*

*Lucio Agra*

*Mariella Pitombo*

*Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa*

---

A Revista Trilhos apresenta o seu novo número. Na oportunidade do lançamento da atual edição, o mundo se estabelece em seu “novo normal”. O que era imaginação durante o período da pandemia de Covid, agora, já se faz rotina; assim como é rotina nos acostumarmos que o tal “novo normal” segue reproduzindo as mais antigas fórmulas de opressão e de constrangimento. Diuturnamente, experienciamos cenas de violência, principalmente, contra populações periféricas, minorias, povos indígenas, imigrantes... Este “novo normal” é distópico, tolera e naturaliza genocídios e ecocídios. Além disso, também se estabelece em meio aos ataques contínuos à democracia brasileira, à proliferação de *fake news* e à ausência total de introversão de certa classe política que não se incomoda diante da confusão entre público-privado, desde que a favor de si mesma.

Mesmo diante da rotina de sofrimento, teimamos em manter acesa a esperança; algo que se anima quando vemos esse tal do “novo normal” sendo constrangido por vozes dissonantes que, muitas vezes, acompanham ações contundentes e criam movimentos novos. Vozes que funcionam como deslocamentos e geram escapadas a favor de caminhos inéditos. De certa forma, é possível vislumbrar que há uma nova maneira de imaginação da vida, de narrar a rotina, de agir politicamente, de escutar o “espírito do mundo”, quiçá, um pouco menos hegeliano ou, talvez, um pouco menos colonial.

A Revista Trilhos segue em tentar escapar da mortificação destes tempos; por isso, é a artista, cineasta e transmutante Sumé Yina (Vasconcellos) quem abre esse número. A sua pesquisa se revela em uma complexa coleção de fotoperformances que lidam com a sua “corporeidade em relação aos espaços físicos e imateriais das construções coloniais”, nas palavras da artista. Nas fotoperformances de Sumé, é possível observar uma proposição artística que insiste em um trânsito radical entre bichos e gente, gente e terra, areia, mata; enfim, uma decidida indistinção entre espécies do mundo, o que ecoa um

comentário de ThiGresa<sup>1</sup>, que nos apresentou Sumé e outras trans, interessada que está n"O que pode um corpo dissidente em suas trans-performances": " Tudo isso misturado com um cheiro de terra molhada".

A dissidência de Sumé é um exercício de imaginação que não diz respeito somente ao seu corpo, mas aos demais do mundo que ela reclama para seu convívio. Entretanto, essa dissidência, em sua beleza, não está imune aos ataques da intolerância, da transfobia - de que corpos como o de Sumé são vítimas frequentes e, no caso dela, há bem pouco tempo<sup>2</sup>. Ainda estamos em luta contra os corpos/espíritos que teimam em não compreender as transformações pelas quais passa o mundo em que vivemos e vamos viver.

Corporalidade, espaços, simbioses, violências, encontros: temas que surgem na fotoperformance de Sumé, mas que já estavam sendo pontuados em meados do século XX, em outro contexto extremo. Para animar essa reflexão e fomentar este debate tão atual, a presente edição da Revista Trilhos conta com a tradução inédita do artigo *La politique étrangère d'une société primitive*, de Claude Lévi-Strauss, publicado na Revista "Politique Étrangère", em 1949.

Escrito no exílio em Nova York, em 1946, no meio da II Guerra Mundial, "A política estrangeira de uma sociedade primitiva", traduzida e apresentada por Guilherme Falleiros para essa edição, busca contribuir para uma renovação das relações institucionais através de uma visada não fascista e resistente aos teóricos estadistas, tão em voga no período em que o artigo foi produzido. Para isso, Claude Lévi-Strauss parte da intensa vida política Nhambiquara para pensar, entre outras categorias, as noções de estrangeiro, assim como a de concidadão e, por consequência, de território e guerra. Temas essenciais naquele momento e que permanecem fundamentais para os dias atuais.

A apresentação do artigo, realizada pelo seu tradutor, também antropólogo, destaca que a perspectiva ameríndia não se volta às classificações dicotômicas. Em outras palavras, entre o estrangeiro e o concidadão há uma série de categorias intermediárias e possíveis de negociação. Destacamos que, mais do que apresentar esta inédita tradução para o português, Guilherme Falleiros dialoga com o texto original e nos provoca a refletir sobre formas políticas outras que transcendem aos modelos dialéticos ocidentais e que "envolve a recusa da síntese e propõe o desdobramento em novas relações", em suas palavras.

Coincidentemente, esta temática nos lembra as discussões propostas no Dossiê "Mobilidades, Controle e Resistência: Jornadas e Inclusões Diferenciadas". Publicado no segundo número da Revista Trilhos, em 2021, o binômio estrangeiro-cidadão denunciava a necropolítica atual, ou seja: os constrangimentos dos Estados-Nação nos processos de mobilidade e as lógicas contraditórias da globalização neoliberal que trata as mobilidades contemporâneas transnacionais pela chave dos estigmas. Nesta edição, o suposto binômio surge pela perspectiva da política ameríndia em que o cidadão é, na verdade, concidadão e o estrangeiro é espectral. Borra-se, portanto, uma fronteira importante na análise das relações sócio-políticas.

<sup>1</sup> Sobre o artigo de ThiGresa.

<sup>2</sup> Em 10 de agosto de 2022, Sumé tornou pública, via redes sociais, a violenta agressão sexual e física que sofreu por um motorista de aplicativo. O corpo editorial da Revista Trilhos se solidariza com a artista e repudia toda e qualquer forma de violência. Aguardamos providências legais e que exista uma vida digna.

Borrar fronteiras, inclusive, tem sido uma tarefa contínua desta Revista. As perspectivas interdisciplinares da produção do conhecimento que se revelam em pesquisas, artigos, relatos de experiência, traduções e experiências artísticas buscam temas, metodologias, formas de escrita e inspirações teóricas que têm nos ensinado que a produção acadêmica pode ser mais fértil, interessante e factível do que imaginamos quando estamos presos em nossos refúgios disciplinares ou restritos aos espaços e suportes tradicionais.

A performance “Bicicletas Brancas”, de Fabian Wagmaster, foi desenvolvida em 2017, na cidade de Buenos Aires. Esta “obra híbrida de performance, invenção, arte e tecnologia”, como estabelece o autor, aparece, nesta edição da Revista Trilhos, pelo olhar de Lucas Garcia. Veículos, corpo, técnica, utopia, cidades, movimentos, vulnerabilidades são os temas de sua análise. Para essa reflexão sensorial, Garcia se inspira em autores importantes das teorias pós-modernas e decoloniais, como Michel de Certeau, Richard Sennet, Deleuze e Guattari, bell hooks, Paulo Freire e, também, em movimentos como a Internacional Situacionista, *White Bicycle Pan*, *Ghost Bike*, além de obras musicais como *La Bicicleta Blanca* de Horácio Ferrer, interpretada por Piazzola, nos anos de 1970.

O corpo, em deslocamento e livre das urgências automobilísticas, é o mote dessa cartografia de cidade. Esse corpo que deambula por uma Buenos Aires noturna cria relações e trocas entre aqueles que encontra pelo caminho e que estão abertos a novos encontros, sem a pressa da produtividade. Neste sentido, ao praticar a cidade, pratica-se, também, uma espécie de religar: o corpo do performer passa a se identificar, solidariamente, com o corpo da cidade - e daqueles corpos que a formam - através do deslocamento lento e aberto que a bicicleta permite. A análise de Garcia propõe um exercício e uma abertura para a capacidade pedagógica da arte ao mesmo tempo em que se revela uma espécie de manifesto anticapitalista a favor da arte-educação, da cidade, das pedaladas e das canções.

E, por falar em canções, a música será um tema recorrente nesta edição. O Dossiê “Práticas sonoro-musicais: raças, gêneros e conexões comunicacionais”, apresentado adiante, traz boas perspectivas para a reflexão sobre a potência dessa linguagem artística. Contudo, é pela perspectiva autoetnográfica de Mamute que o ofício de musicistas entra na pauta da edição. Ácido e bem humorado, o artigo “Notas autobiográficas sobre a preservação de alto desempenho do artista: dilemas entre o processo de controle de qualidade da cerveja artesanal e o cuidado com o *performer*” parte de sua experiência laboral para tecer uma comparação improvável, mas que implica refletir sobre as lógicas que cercam o precarizado valor do trabalho de artistas em contraste com a performance na manutenção e na qualidade de matérias-primas tradicionais (algo não muito distante, comparativamente, das relações do agronegócio e a vida dos trabalhadores rurais ou do investimento nas indústrias automobilísticas e o trabalho dos motoristas de aplicativos).

Mamute afirma que a “complexidade que tange o ofício de um artista, muitas vezes, não é clara ou óbvia ao olhar do senso comum” - não consideramos a formação técnica e sensível, a dedicação ao ofício e o tempo entregue à rotina. Falta, ao senso comum, a ciência e a partilha das dimensões sensíveis, mas, também, faltam métricas, dados, perspectivas destes ofícios. Neste sentido, o artigo “Indicadores de acompanhamento e monitoramento de

políticas públicas de cultura”, de autoria de Frederico Augusto Barbosa da Silva e Paula Ziviani, é fruto de estudos anteriores realizados sobre a produção e análise de indicadores para acompanhamento de políticas públicas culturais. Dimensão ainda pouco privilegiada na análise tanto acadêmica quanto técnico-gerencial sobre o ciclo das políticas públicas culturais no Brasil, a questão do monitoramento e da avaliação é abordada pelos autores a partir da proposição de indicadores para avaliação e acompanhamento do Plano Nacional de Cultura (PNC). O mérito do artigo reside na construção de um valioso quadro de indicadores, cuja ênfase recai na análise de três parâmetros: o mercado de trabalho da cultura, a construção de orçamentos culturais e o ensino de artes nas escolas públicas brasileiras. Para além disso, os autores ainda propõem um quadro de indicadores culturais ancorados em diferentes bases de dados públicos (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua/IBGE, Pesquisa de Orçamentos Familiares/IBGE, Pesquisa de Informações Básicas Municipais e Estaduais (MUNIC/ ESTADIC - Suplemento de Cultura / IBGE), entre outras), que podem servir de recurso para acompanhamento e avaliação para as políticas públicas culturais em geral e, mais especificamente, para o PNC. Mesmo reconhecendo o caráter aproximativo dos indicadores culturais na mensuração da complexa dinâmica que envolve as práticas culturais, a sistematização de dados e produção de indicadores são importantes ferramentas, tanto para a justificação de investimentos em cultura, quanto para a análise de seus efeitos na sociedade.

Por fim, não podemos deixar de mencionar que esta edição é lançada logo após a eleição do novo presidente do Brasil. Trata-se de um momento de esperança, em que, novamente, vislumbramos a constituição de um Brasil possível que, em outros tempos, já se tornou possível e continua a produzir possibilidades. A UFRB é fruto disso. Conflitos e dissensos que, historicamente, estiveram fora da universidade hoje estão dentro dela, gerando tantos outros. Que novas possibilidades até então impensadas possam novamente irromper e ir de encontro à desigualdade que desumaniza a todos, sem exceção.